JESUS NA ORIGEM DO CRISTIANISMO*

Carolina Bezerra de Souza**

Resumo: *Quando se aborda o Jesus histórico sempre fica a questão de qual foi o processo de evolução do Jesus histórico, o taumaturgo galileu executado por questões políticas, para o Cristo da fé, a Palavra preexistente de Deus cuja morte e ressurreição se tornaram redentoras e salvíficas. O presente artigo visa expor uma possibilidade para o início desse processo e verificar a mudança da figura de Jesus na literatura do Novo Testamento.*

Palavras-chave: *Jesus histórico. Cristo da fé. Mito. Novo Testamento.*

Richard (2004) faz uma diferenciação de conceitos com relação a Jesus. O Jesus real é Jesus tal qual existiu, já o Jesus histórico é a reconstrução feita por dados bíblicos e documentos com base em métodos e critérios de historicidade. O Jesus teológico é definido nos quatro primeiros concílios, já o Jesus da fé é a resposta de fé dos seus primeiros discípulos no seu encontro com o Jesus. O que se quer abordar nesse

* Recebido em: 02.08.2011.
Aprovado em: 12.08.2011.

* Mestranda em Ciências da Religião na PUC Goiás. Bolsista da Fapeg. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Engenheira Eletricista pela Universidade de Brasília. *E-mail*: carolbsouza@gmail.com

artigo é a passagem entre o Jesus histórico, já que não se tem acesso ao Jesus real, e o Jesus da fé expresso de diferentes formas nos textos do Novo Testamento.

QUEM ERA JESUS? BREVE PANORAMA SOBRE O JESUS HISTÓRICO E O INÍCIO DO CRISTIANISMO

Para Crossan (1994, p. 460), Jesus era um judeu cínico, oriundo das proximidades de Séforis, que se utilizava de uma combinação de curas, refeições, igualitarismo religioso e econômico para se colocar contra a estrutura religiosa judaica e o poder romano, anunciando o reino sem intermediários de Deus. Porém, mais do que essa já complexa definição, interessa aqui traçar algumas características de Jesus como chave para entender sua influência.

Compreender Jesus incorre em observá-lo dentro da sociedade e do judaísmo de seu tempo. Este era muito criativo e diverso, mas era um judaísmo helenista que trazia uma dialética entre características inclusivas e exclusivas, buscando a síntese da tradição judaica e gentia (CROSSAN, 1994, p. 455-60).

O judaísmo desse tempo era também caracterizado por uma visão apocalíptica do mundo. O mundo estaria dominado pelo mal e seus agentes, mas com um poder limitado, que já estaria acabando, por isso acreditava-se que a atuação dos demônios era mais intensa naquele tempo, o último. Havia uma estrutura simbólico-literária anunciava um combate definitivo, entre o messias com seus anjos e o diabo com seus demônios, e a reestruturação total do mundo no reinado de Deus. O messias era o agente escatológico em cuja ação se manifestava a intervenção de Deus na história humana em favor do seu povo (SCHIAVO, 2004). Esse messianismo, ou seja, crença na manifestação desse redentor como enviado divino, no período entre macabeus e 135 d.C., têm origens na hermenêutica bíblica que se desenvolveu através da literatura apocalíptica judaica do período pós-macabaico e na ideologia monárquica (SILVA, 2009, p. 2). A expectativa messiânica era intensa na primeira metade do século I d.C., esperava-se vários tipos de messias: o messias davídico, era descrito como um rei-guerreiro; o messias profético, como Moisés; e o messias sacerdotal que purificaria a religião (SCHIAVO, 2004).

A Palestina era uma sociedade sob um sistema tributário que reduzira o campesinato à subsistência. A elite nativa, sacerdotal e imperial, era sustentada pelo campesinato. A luta de classes, entre o campesinato

e as elites citadinas e sacerdotais, é essencial para compreender os ditos e atos de Jesus, que tiveram como consequência sua execução como delinquente social e religioso nas mãos dessa elite nativa e seus aliados imperiais (LÓPEZ, 2004).

Jesus era um camponês despossuído, trabalhador sem terra, que tentava sobreviver como artesão rural, portanto fazia parte da marginalidade. Tal marginalidade era resultado de condições históricas e sociais e se caracterizava como a falta de participação das esferas dentro do raio de ação e acesso que se dão ao indivíduo ou grupo (CROSSAN, 2004, p. 384-389). Boa parte da mão de obra para a edificação e manutenção das grandes cidades era fornecida por pessoas como Jesus, saídas das pequenas aldeias ou cidades satélites. A situação dos camponeses sob a pressão tributária e da expropriação de terras por parte de Herodes, os fizeram se afastar do espírito aldeão tradicional de cooperação mútua, havia dissensão e recriminação. O movimento criado por Jesus impunha uma resistência a esse sistema, visto que adaptou a expectativa do Reino de Deus ao cotidiano dos camponeses, revitalizando a pequena tradição popular e contra a grande tradição das elites, portanto a morte de Jesus foi um ato de contenção a uma ameaça política (LIMA, 2010, p. 9-11).

Jesus partilhava das convicções básicas do judaísmo, ou seja, cria em um Deus único que fez aliança com Israel. Sua escatologia tinha características de presente e futuro, de salvação e juízo. Assim, o Reino de Deus seria o estabelecimento da vontade ética de Deus, que urgia na vontade ética do ser humano, logo, era uma expectativa religiosa com relevância política (THEISSEN; MERZ, 2002, p. 296-9). Seu movimento tentava preservar, ou redefinir, a identidade judaica ante a cultura helênica. As características desse movimento de renovação o diferenciam dos outros movimentos próximos em diversos aspectos: a) O movimento de Jesus pregava o reinado de Deus aberto às outras etnias, enquanto os demais esperavam uma vitória de Israel sobre os gentios e uma esperança escatológica de mudança. b) Em relação à Torá, tinha uma posição de relaxamento das normas rituais separatistas e de aprofundamento das normas éticas gerais, enquanto os outros movimentos intensificavam as normas judaicas. c) Jesus e seus seguidores davam atenção aos marginalizados enquanto o outro se afastavam, isso trazia a figura de um Deus de misericórdia graça. d) Ao contrário do embate dos demais movimentos de renovação, o de Jesus formulava uma identidade que evitava os confrontos. Jesus estava no meio do povo simples e não contra ele como os helenistas (THEISSEN; MERZ, 2002, p. 166-8).

Observa-se também que Jesus era um carismático dotado de um enorme poder de irradiação que fascinava seus seguidores e irritava seus opositores. Ele assumiu características da pregação de João Batista, mas preferia a misericórdia ao juízo e ascese da pregação de João, pois aparentemente acreditava que sua função era ganhar pessoas. Seu carisma se dava na representação de valores e comportamentos não convencionais, mas, além disso, ele também conseguia transformar a rejeição em coisa positiva e conquistar seguidores entre os inimigos. Era carismático tanto verticalmente, no empoderamento da parte de Deus, quanto horizontalmente, na relação social uma vez que conseguiu ter muitos seguidores (THEISSEN; MERZ, 2002, p. 257-9). Esse carisma de Jesus advém também de como ele era visto pela população marginalizada pelo sistema econômico: um taumaturgo milagreiro, profeta e mestre.

O título Profeta é uma ramificação popular do messianismo judaico o qual teria se originado na Galileia e marcado pela presença de figuras carismáticas não vinculadas a linhagem davídica, como Moisés e Elias (SILVA, 2009, p. 3). Segundo as fontes neotestamentárias, Jesus realizou milagres de cura e exorcismo, milagres sobre a natureza (a capacidade de modificar a matéria inanimada) e milagres de ressurreição. Dotado de poder restaurador, obtido do alto por ele mesmo, não poderia ser classificado como um mago já que exigia fé para curar, e, ainda, seus milagres eram de caráter escatológico representavam o início do fim dos tempos com a derrota do mal, portanto se caracteriza como profeta dos últimos tempos. Como Elias e Eliseu, atuou no norte, em oposição à religiosidade oficial, com uma ação também política (SCHIAVO, 2004). Nos seus oráculos de juízo contra Jerusalém, contra Herodes Antipas, e contra Corazín e Betsaida, se caracterizava como os grandes profetas da Bíblia. Anunciou ainda a destruição do templo e a vinda de um tempo de guerras e catástrofes celestiais como conhecido pelo livro de Daniel. Além disso, apresentou uma série de atos simbólicos, como a entrada em Jerusalém e o anúncio de destruição do templo, o que caracterizava um profetismo dramático como o de Jeremias e Ezequiel. Mais um ponto importante eram as profecias escatológicas que se davam na realização dos exorcismos (PIXLEY, 2004).

A morte de Jesus não deu fim a seu projeto, surgiram na Judeia os grupos de Jesus Messias, transformaram o projeto social de Jesus numa busca pela salvação em sentido cósmico, e na Galileia os camponeses foram fiéis às características originais do programa de renovação social de Jesus (LIMA, 2010, p. 12).

A hermenêutica desenvolvida depois da presença de Jesus e seus seguidores foi condicionada ao mundo e aos setores sociais de quem recebia a boa-nova do Reino de Deus. As pessoas ouviram Jesus ou sobre Jesus de formas diferentes, formaram grupos sociais ao redor de tipos distintos de liderança e esses grupos tiveram uma evolução própria. Segundo Mack (2008, p. 83-96), as duas correntes iniciais se dividiram em seis perceptíveis à época da formação do Evangelho de Marcos: a) Os itinerantes na Galileia, responsável pela fonte dos ditos (Q), são entendidos como originários dos primeiros seguidores de Jesus, que seguiram seu modo de vida. b) Os Pilares em Jerusalém tinham uma característica piedosa e origem a partir do grupo que estava com Jesus em Jerusalém lá permaneceram acrescentando quem lá chegava até a guerra, são responsáveis por códigos sociais. c) A Família de Jesus tiveram as mesmas característica e origem dos Pilares, mas se fixou na Transjordânia. d) A Congregação de Israel era responsável pelas histórias de milagre das tradições pré-marcanas. e) Os da Reforma da Sinagoga foram os prováveis responsáveis pelas histórias de controvérsias com fariseus. f) O culto de Cristo era um movimento helenizado que se desenvolvera no norte da Síria a partir do movimento de Jesus, grupo do mesmo tipo a que pertenceu Paulo.

Os grupos cristãos tinham um grau de identidade e reconhecimento, mas formas institucionais e construções simbólicas distintas. É possível dizer que todos podem ter se formado em ajuntamentos para refeições e que tinham estímulo em uma noção de forma social que alguns grupos chamaram de Reino de Deus e todos reconheciam Jesus como seu fundador (MACK, 2008, p. 124).

A PASSAGEM DO JESUS HISTÓRICO PARA O CRISTO DA FÉ

No início do cristianismo, havia "tensa unidade entre história e mito" (THEISSEN, 2009, p. 43). Não é possível tratar historicamente Jesus sem entender que Jesus viveu um mito judaico e nem tratar do mito do Cristo sem entender que houve esse Jesus da história.

Jesus anunciava o reinado de Deus, que era um mito judaico. Ele buscava revitalizar a linguagem de sinais da religião judaica, utilizando o reinado como metáfora política e ligando-o à metáfora da família com a imagem de Deus como um pai (THEISSEN, 2009, p. 44-5). A ética de Jesus também pertence ao judaísmo, ele radicaliza esse *ethos*, na austeridade e disponibilidade para o perdão. Ele realiza a revitalização da linguagem de sinais judaica a partir do seu conteúdo central: a fé em um único Deus (THEISSEN, 2009, p. 56).

Com Jesus, o mito judaico entra na história mediante a superação do mal através dos exorcismos. Ele também se apresenta como cumprimento do passado, já que o Reino se aproximara, e como uma semente escondida, pois o Reino estava presente nas pessoas e se expandia. Jesus dá, ainda, outra dimensão ao mito se utilizando da identificação das pessoas através das suas parábolas, há uma transformação poética no sentido de as pessoas poderem interpretar as parábolas por si, não havia uma interpretação completamente fechada. Além de tudo isso, há uma transformação política no fato de que agora o reino de Deus não vence os gentios, mas os inclui e esperava-se a afluência de todos os povos. Dentro dessa situação mais uma característica importante: o Reinado de Deus pertence aos pobres e excluídos e os demônios não tem mais o domínio sobre a vida das pessoas marginalizadas que fazem parte do Reino (THEISSEN, 2009, p. 45-9).

A transformação da cristologia pode ser entendida, então, a partir da compreensão de que já havia um debate anterior à morte de Jesus sobre a soberania que foi confirmada com a ressurreição. Havia uma urgência escatológica dentro do seu ministério. Jesus já era visto com expectativas messiânicas antes da sua morte: o Reino viria com uma transformação miraculosa e Jesus governaria Israel. Tudo isso foi frustrado, aconteceu diferente, de uma forma dolorosa e violenta: ele fora executado. Diante do acontecido, as aparições de Jesus davam certeza de que ele vivia e que o reino havia realmente começado. A expectativa escatológica tornou-se então em que ele retornaria como soberano submetendo o mundo inteiro. Como isso também não aconteceu, um organismo institucional tomou forma para preencher esse vazio na qualidade de reino substituto (THEISSEN e MERZ, 2002, p. 580-587; VERMES, 1996, p. 76,77).

A morte de Jesus força seus seguidores a lidar com questões duras. São dois grupos diferentes. Os itinerantes da Galileia lidaram com a tragédia continuando a missão de casa em casa. Enquanto os estudiosos em Jerusalém se debruçaram sobre suas escrituras tentando entender como sua fé persistia apesar do acontecido (CROSSAN; WATTS, 1996, p. 124).

> A história da Páscoa não é sobre os eventos de um determinado dia, mas reflete a luta dos seguidores de Jesus por um período de meses e anos para fazer sentido da sua morte e da contínua experiência deles de empoderamento por ele. [...] As histórias do Jesus ressuscitado aparecendo a várias pessoas não são sobre 'visões', mas ficções literárias surgidas das lutas pela liderança na igreja primitiva. [...] A ressurreição é uma das

> metáforas usadas para expressar o senso da presença constante de Jesus com seus seguidores e amigos (CROSSAN; WATTS, 1996, p. 121).

Enquanto Jesus fora teocêntrico, os primeiros cristãos eram cristocêntricos nos seus universos religiosos. Pouco a pouco essa noção cristocêntrica se expandiu cada vez mais. Para Geza Vermes (1996, p. 76,77), tal processo ocorre em resposta às esperanças da cristandade não judia, ou seja, o Cristo da religiosidade paulina e da igreja gentia foi tomando o lugar do homem da Galileia.

Theissen (2002, p. 67-70) diz que o processo de deificação de Jesus já teve início dentro do Judaísmo. Ao colocar Jesus no centro do sistema religioso de sinais, a lógica do distanciamento de Deus é invertida, se ele se encontra junto a Deus, ele deve ser Deus (THEISSEN, 2009, p. 67-8). A motivação para isso tem origem nas aparições pascais vividas dentro de determinadas convicções e pode ser explicada por duas vertentes: a) A experiência da crucificação trouxe uma dissonância em relação ao carisma de Jesus, para superar essa dissonância ele teria que atingir um valor e categoria maiores que o original. Na superação da morte, ele se fez mais poderoso do que seus algozes e as aparições possibilitaram essa valorização. b) Existia um sistema que elaborou essa experiência de dissonância. Ela era paralela a elevação de Yahweh a condição de Deus único no séc. VI, que também foi a superação da crise de fé gerada pelo exílio (THEISSEN, 2009, p. 69). Antes dessa crise, Yahweh era o deus dos judeus, mas existiam outros deuses, no entanto para explicar a derrota de Israel e, consequentemente, do seu deus, ele foi elevado. Como único deus, estaria usando as outras nações para castigar Israel. Da mesma forma, Jesus foi elevado a ser divino e sua morte tinha um propósito: expiar o pecado e a morte dos homens.

A deificação de Jesus só foi possível na dinâmica que já era presente monoteísmo judaico. Segundo Theissen (2009, p. 70-94), essa dinâmica monoteísta tem 3 aspectos:

- A superação cognitiva da dissonância de uma experiência de crise: A crise tem como elemento decisivo a discrepância entre um sistema teorético e experiências embaraçosas que forçam a reconstrução do sistema de sinais. No caso, um carismático com aura messiânica que pregava o reino de Deus e seu fracasso, preenchem esses papéis. A reconstrução se dá no fato de que o rebaixamento da crucificação só pode ser equilibrado por uma elevação a status divino. Essa condição torna Jesus superior a toda desilusão. O que implica que as aparições pascais foram a realização da

esperança de que o Reino havia mesmo começado e que Deus despertou Jesus e o fez participar de sua realeza.

- A intensificação de um consenso: Já era crença comum que Deus poderia despertar os mortos. A elevação de Jesus é o cumprimento da expectativa de fé em um só Deus (compare Fl 2,10-11 e Is 45,23). A intensificação do consenso é que só um único Deus, mediante seu filho único, seu enviado, subjugou os outros poderes e potências. Aqui não se observa tensão entre monoteísmo e cristologia elevada, isso é característica da primeira geração. Na fonte dos ditos, Jesus tem características monoteístas modelo e Paulo crê que a autoridade de Jesus não vem de seus feitos, mas da ação de Deus. A síntese entre a tradição do Jesus terrestre e o querigma do agir de Deus em seu filho humilhado é feita na segunda geração, com os evangelhos.
- A suplantação da concorrência – Um Jesus divinizado é então superior às demais figuras do judaísmo e paganismo. Assim, o cristianismo rejeitava a veneração ao outros deuses e outros cultos por meio da formação do próprio universo de sinais. A superação se dava em três vertentes que se reforçavam. A primeira, porque Cristo era descrito como maior que todas as demais autoridades e poderes (1Co 8,5-6; 10.19-20; Rm1,3-4). A segunda se dava na demonização do imperador, e, portanto, desqualificação de seu culto. A terceira se dava no fato de que Jesus tendo aparecido entre os homens era colocado mais próximo dos seres humanos do que qualquer outro deus. Além disso, a divindade e humanidade de Jesus podiam ser vivenciadas pelos cristãos de forma sacramental nos ritos do batismo e da ceia. Em tais ocasiões, os cristãos se identificam com o destino humano do Salvador.

Dentro dessa dinâmica, não se pode deixar de apontar a importância da cultura de transmissão oral intrínseca ao judaísmo e que continua na formação do cristianismo:

> Houve um espaço de tempo, aqui considerado como a transição do Jesus histórico ao cristianismo mais primitivo, em que as memórias dos feitos e ditos do milagreiro de Nazaré, mais ou menos afetadas por fatores emocionais, foram recordadas, criadas, desenvolvidas, alteradas, melhoradas, expandidas, abreviadas, contestadas e também esquecidas (FARIA, 2011, p. 82).

Até o registro das tradições sobre Jesus, nos textos que hoje se pode acessar dentro e fora do Novo Testamento, esse processo foi

ocorrendo continuamente. É possível perceber que ele continuou ainda dentro dos registros.

AS DIFERENTES FACES DE JESUS AO LONGO DO NOVO TESTAMENTO

Os textos neo-testamentários, não têm a intenção de descrever exatamente quem Jesus era, mas de trazer uma compreensão própria sobre ele, o que faz surgir várias imagens de Jesus. Porém, segundo Kee (1990, p. 110), existe um padrão interno aos textos neo-testamentários e a outros textos cristãos da época: Jesus é quem ajunta o novo povo de Deus, manifesta o poder de Deus ao derrotar o mal e o pecado e sua morte sela a relação da Nova Aliança.

Apesar desse padrão, fora dos evangelhos, não é possível encontrar muitas informações sobre a vida de Jesus nos demais escritos canônicos, há poucas menções e bastante resumidas. Isso é verdade inclusive para as cartas paulinas. No entanto, apesar da pequena quantidade, seu testemunho é significativo, pois traz a memória tradicional da última ceia e algumas tradições importantes como a proibição do divórcio, a norma dos evangelistas viverem do Evangelho, o mandamento do amor aos inimigos e a tradição de descendência davídica de Jesus (BARBAGLIO, 2011, p. 51-2; VERMES, 2006, p. 87). Paulo é o escritor mais antigo que fala sobre a ressurreição, suas cartas datam dos anos 50.

Paulo admite que algumas doutrinas básicas foram transmitidas a ele pelos que o precederam na igreja. Em 1Co 15,3-7 ele já enuncia entre eles a morte e ressurreição de Cristo, que também consta em Rm 1,3-4. Em 1Co 15, Paulo defende a ideia da ressurreição corporal. A ressurreição de Jesus seria uma instância da ressurreição geral. Paulo era fariseu, estes acreditavam que Deus ressuscitaria os justos no final da presente era, portanto Jesus era o primeiro a ser ressuscitado. O Jesus que era uma presença limitada por tempo e espaço era, para Paulo, agora uma presença transcendente (CROSSAN; WATTS, 1996, p. 122-6). Em 1Co11, refere-se a Jesus em ligação com o servo sofredor do deutero-Isaías em Is 53, pelo verbo *paredideto* (entregue) e pelo termo *pais* (servo ou filho) (CROSSAN, 2004, p. 476-8).

A mensagem que Paulo transmite não se parece com a dos evangelhos, ele não anuncia a figura histórica de Jesus, pois baseava-se em suas visões e comunicações celestiais. Ele focou a morte, a ressurreição e proezas sobrenaturais em nome da fé (VERMES, 2006, p. 84-9). Para

Paulo, o evento da cruz era "a revelação atuante da ação salvadora de Deus" (BARBAGLIO, 2011, p. 53).

Paulo traça sua imagem de Jesus em duas bases: "ele é o libertador do pecado e da morte através da cruz e um agente de absolvição e renascimentos através de sua ressurreição" (VERMES, 2006, p. 104). Outra característica importante é a glorificação escatológica que se dá na concepção de Cristo como o último Adão, descrevendo como o pecado é substituído pela virtude (VERMES, 2006, p. 114). Em Paulo, Cristo tem uma característica meta-histórica, mas não é objeto da oração e sim canal que leva as orações ao Pai (VERMES, 2006, p. 120-1). Assim, o apóstolo não declara Jesus divino em seus escritos, ele é sim um ícone de Deus. Da sua ressurreição é que deriva a condição de Filho de Deus. Entretanto, os herdeiros da tradição paulina excedem seu mestre e conferem a Cristo preexistência expressa nas cartas deuteropaulinas, veja, por exemplo, os textos de Hb 1,1-3 e Cl 1,15-19 (VERMES, 2006, p. 133-4).

Os evangelhos sinóticos transmitem as tradições mais antigas, mas possivelmente atualizadas e recriadas, com retratos teológicos baseados em um material recebido através de um processo vital de transmissão memória (BARBAGLIO, 2011, p. 57). O Jesus dos evangelhos sinóticos não é sobrenatural, mas faz parte do universo humano, aparece como um pregador Galileu itinerante, curandeiro, exorcista. Ele era admirado, seguido, mas também tinha opositores, entre a elite religiosa. Jesus era reconhecido como um profeta aprovado por seus sinais (VERMES, 2006, p. 247). Nos textos sinóticos aparecem diversos títulos (messias, Filho de Deus, Senhor, profeta) que, em geral, com exceção do título Filho do Homem, não vêm da boca de Jesus, tem-se aí o tema do segredo messiânico: Jesus não se autoproclama como divino, mas recebe do Pai essa posição. Os três evangelhos sinóticos apresentam retratos de Jesus com muitas características comuns, mas cada um tem um colorido diferente.

Marcos apresenta um Jesus que é um como um filho de Deus não glorioso, humilhado na cruz, mas exaltado na ressurreição (BARBAGLIO, 2011, p. 56). Afirma duas coisas: que ele era o maior dos homens de Deus por seus grandes prodígios. Sua divindade se manifestava não tanto em seu poder, mas na fidelidade ao projeto do Pai (SCHIAVO, 2004). Jesus é mostrado a partir de suas emoções e atos, com suas falas aramaicas, e algumas incompletudes em seus atos (VERMES, 2006, p. 260-262). Apesar de terrestre, o Jesus de Marcos aparece como uma epifania de um ser celeste, o texto é organizado em torno de três epifanias (batismo, transfiguração, ressurreição) (THEISSEN, 2009, p. 236).

Mateus conecta Jesus com Moisés, ele é o novo e maior Moisés. (CROSSAN; WATTS, 1996, p. 14-5). Apresenta Jesus como um competente mestre da vida e intérprete da lei autorizado por Deus (BARBAGLIO, 2011, p. 57). O processo de divinização se aprofunda no aumento das cenas de epifania no início e no fim do texto. O Jesus mateano "quer ser o cumprimento e continuidade do universo simbólico judaico" (THEISSEN, 2009, p. 242-3). Ao longo do texto, ele só se preocupava com os judeus, mas esse quadro muda radicalmente no final com o envio da missão cristã a outras nações (VERMES, 2006, p. 257).

Para Lucas, era importante ligar Jesus aos grandes heróis de Israel (CROSSAN; WATTS, 1996, p. 14-5). Lucas tem uma ideia de Jesus como salvador do mundo (BARBAGLIO, 2011, p. 57). Dentro da sua narrativa histórico-salvífica, Jesus foi humanizado por sua dedicação aos pobres, pecadores e marginalizados. É interessante que a obra lucana diferencia o tempo dividindo-o em três: o de Israel, o de Jesus e o da igreja. Lucas interpreta a vinda de Jesus como o centro do tempo, e faz, a partir desse dado, a delimitação do cristianismo ante o judaísmo (THEISSEN, 2009, p. 248-9).

O evangelho de João aparece bem diferente dos sinóticos em forma e estratégia. Ele não abandona totalmente o Jesus histórico, pois, em sua descrição, Jesus é sempre o nazareno, mas seu foco está em uma cristologia cujo centro era a Palavra eterna de Deus, preexistente (BARBAGLIO, 2011, p. 55). Jesus é apresentado como o agente de Deus, a Palavra, o instrumento por meio de quem o mundo foi criado e que veio em forma humana para chamar as pessoas a dividir a luz do conhecimento de Deus que ele traz. Com isso, João trabalha tanto a ideia judaica da sabedoria de Deus como a helênica de razão, para isso escolheu o termo *logos* (KEE, 1990, p. 104-5).

No texto do Evangelho de João, Jesus é uma figura transcendente, superior e impositiva, continuava como mestre confirmado por prodígios, mas são apresentados vários discursos alegóricos e autocentrados, não existe mais o tema do segredo messiânico, ele era claramente o messias e o profeta (VERMES, 2006, p. 35-42). João usa menos títulos cristológicos, mas usa intensamente um conjunto de imagens (o cordeiro de Deus, o pão da vida, a porta, o caminho, a videira etc.) associadas à expressão 'Eu sou' que relaciona Jesus com o Deus dos judeus (KEE, 1990, p. 106-7; VERMES, 2006, p. 62). Para Vermes (2006, p. 61), o núcleo básico da teologia joanina é a relação entre Jesus, o Filho, e Deus, o Pai: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10,30).

No Evangelho de João se apresenta o ápice da divinização de Jesus. Ao longo do texto a glória de seu *status* de deus aparece nas atividades do Jesus terreno. Sua unidade com Deus é o objeto do seu anúncio. O texto de João traz à consciência o universo simbólico cristão construído nos sinóticos e fundamenta-o na revelação de Cristo (THEISSEN, 2009, p. 255-60).

CONCLUINDO

Observa-se que a passagem do Jesus histórico ao Cristo da fé se deu durante todo o séc. I d.C.. Na interação entre a vivência do mito judaico, história e necessidades comunitárias e manutenção de fé, acontece o processo de criação do mito cristão que pode ser percebido ao longo do registro da figura de Jesus nos textos do Novo Testamento de forma crescente, agregando e recuperando valores e definindo teologias.

JESUS IN THE CHRISTIANITY'S ORIGIN

Abstract: *When someone broach the historical Jesus, there is always the question about how was the process of evolution from the historical Jesus, the Galilean thaumaturge that was executed by political issues, to the Christ of faith, the preexistent Word of God, whose death and resurrection became redeeming and promoter of salvation. This article intends to expose a possibility for this process beginning and to verify the changes in Jesus figure through New Testament literature.*

Keywords: Historical Jesus. Christ of faith. Mith. New Testament.

Referências

BARBAGLIO, Guiseppe. *Jesus, hebreu da Galileia*: pesquisa histórica. Tradução de Walter Eduardo Lisboa. São Paulo: Paulinas, 2011.

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico*: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

CROSSAN, John Dominic; WATTS, Richard G. *Who Is Jesus?*: Answers to Your Questions About the Historical Jesus. New York: HarperCollins, 1996.

CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo*: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus. Tradução de Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2004.

FARIA, Lair Amaro dos Santos. "Quem vos ouve, ouve a mim": tradições orais na transição do Jesus histórico ao cristianismo mais primitivo. *Revista Jesus Histórico e sua Recepção*. Rio de Janeiro,v. 64, ano IV, 2011. Disponível em: <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos6/Artigo%20Lair%20Ribeiro.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2012.

KEE, Howard Clark. *What can we know about Jesus?* Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

LIMA, Anderson de Oliveira. Roma e os camponeses da Galiléia: os motivos que proporcionaram o nascimento do movimento de Jesus de Nazaré. *Revista Jesus Histórico e sua Recepção*, Rio de Janeiro, vol. 4, Ano III, 2010. Disponível em: <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos4/1Anderson%20de%20Oliveira%20Lima.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2012.

LÓPEZ, Ediberto, El Jesús de la historia: Preliminares metodológicos. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito, n. 47, 2004. Disponível em: <http://www.claiweb.org/ribla/ribla47/el%20jesus%20d%20ela%20historia.html>. Acesso em: 21 abr. 2012.

MACK, Burton L. *A Myth of Innocence*: Mark and Christian Origins. Minneapolis: Fortress Press, 2008.

PIXLEY, Jorge, Jesús de Nazaret también fue profeta. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito, nº. 47, 2004. Disponível em: <http://www.claiweb.org/ribla/ribla47/jesus%20de%20nazareth.html> Acesso em: 21 abr. 2012.

RICHARD, Pablo. La fuerza espiritual del Jesús de la historia. Para una nueva interpretación de los cuatro evangelios. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito, nº. 47, 2004. Disponível em: <http://www.claiweb.org/ribla/ribla47/la%20fuerza%20espiritual%20de%20jesus.html>. Acesso em: 21 abr. 2012.

SCHIAVO, Luigi, Jesús taumaturgo. Elementos interpretativos. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito, nº. 47, 2004. Disponível em: <http://www.claiweb.org/ribla/ribla47/jesus%20taumaturgo.html>. Acesso em: 21 abr. 2012.

SILVA, Antonio Carlos Higino da. O Messias samaritano no Evangelho de João. *Revista Jesus Histórico e sua Recepção*, Rio de Janeiro, v. 2, Ano II, 2009. Disponível em: <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos3/Higino.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2012.

THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos*: uma teoria do cristianismo primitivo. Tradução de Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico*: um manual. São Paulo: Loyola, 2002.

VERMES, Geza. *Jesus e o mundo do judaísmo*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1996.

VERMES, Geza. *As várias faces de Jesus*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2006.